

Comunicação Digital, Educação e Cidadania Global: um novo paradigma

Teresa Maia e Carmo

Introdução

Este ensaio — no sentido que Montaigne lhe deu, de “aproximação a um tema” — apresenta algumas propostas de pensamento acerca da temática “Comunicação Digital, Educação e Cidadania Global: um novo paradigma”, assim como a partilha de um caso em que usamos as tecnologias digitais para fins educativos. No caso, a plataforma Facebook, com estudantes de 1º e 2º Ciclo das disciplinas de Atelier de Jornalismo e Jornalismo, da Licenciatura e do Mestrado em Educação e Comunicação Multimédia, respetivamente, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, em Portugal.

O tema de fundo é estudar e avaliar os impactos do uso de TIC (tecnologias de informação e comunicação) na Educação, como contributo para uma cidadania plena nos moldes contemporâneos. O enquadramento: epistemologicamente, é feito a partir do campo científico das Ciências da Comunicação; geográfica e socialmente, a partir de uma perspectiva europeia; em termos de objeto, foca-se no ensino superior.

Partindo dos efeitos da revolução digital nos sistemas de ensino superior verifica-se que estes se veem cada vez mais compelidos a um processo de reconfiguração, orientando-se para experiências de ensino-aprendizagem cada vez mais multidimensionais. A partir da revisão da literatura, elencam-se as grandes tendências observadas a nível global: massificação do acesso; crescimento da aprendizagem móvel resultante da ubiquidade dos dispositivos; internacionalização; digitalização e integração tecnológica.

A partir destas coordenadas propõe-se o conceito de *Homo Communicantis* — o ser humano que se define por estar “condenado” a comunicar intermediado pela tecnologia — como base para a análise da experiência digital contemporânea. Listam-se algumas das suas características mais significativas: interrupção, velocidade e instantaneidade; infecção pela *world wide web*; personalização e hiper-expressão; narcisismo social e mercado do “eu”; ludificação generalizada; humor; cultura *wiki*, da partilha e participação.

Tendo este quadro por moldura, apresenta-se um caso concreto de utilização de TIC em contexto educativo que, desdramatizando o que de assustador ou incontrolável estas podem representar para a formação das novas gerações, demonstra como é possível aproveitar todo o potencial da experiência digital dos aprendentes em prol de um ensino-aprendizagem de qualidade, e mais em linha com os requisitos de fluência digital e multimedialidade pedidos pelo novo milênio, em ordem a formar cidadãos mais completos e aptos a construir uma verdadeira Sociedade de Conhecimento. No final da experiência, e após avaliação pelos discentes e docente, concluiu-se que esta teve um impacto significativo em termos de aquisição de novos conhecimentos, mas também de “soft skills” como maior autonomia, mais solidariedade e sentido de responsabilidade social apurado por parte dos estudantes.

O Ensino Superior sob pressão

O ponto de partida é, naturalmente, a revolução digital. Acreditamos poder já chamá-la assim, sem hesitações. A Revolução Industrial do século XIX só recebeu este nome depois de tudo ser implementado e, é claro, é sempre mais confortável entender

os efeitos de uma revolução quando os vemos pelo retrovisor. Acontece que os sinais estão por toda parte, as mudanças processam-se ante os nossos olhos mas... ainda estamos a vivê-los.

O mundo do novo milênio está globalizado e embebido em TIC, que são a sua estrutura nervosa. Nesse cenário, a Internet aparece como o “lugar-comum” do século XXI. E é aqui que se torna da máxima importância determo-nos na análise da experiência da comunicação digital. Ou seja, atentar no lado sociocultural destas tecnologias.

A “reformulação da equação educativa” (KNOWLES, 1980), provocada pela conjugação do aumento para o dobro da Esperança Média de Vida com a redução drástica do Ciclo de Vida do Conhecimento, aumentou globalmente a procura de Educação formal e a necessidade de formação ao longo da vida (*lifelong learning*), colocando os sistemas educativos sob forte pressão (CARMO, 2014). O fenômeno da mudança acelerada que caracteriza o mundo globalizado converteu o conhecimento num bem central, como outrora foram as mercadorias ou os serviços. Como consequência emergiu a necessidade de estarmos — todos, sempre — obrigados a aprender, reciclar e atualizar conhecimentos a um ritmo muito superior ao que era habitual. Ou seja, a Aprendizagem ao Longo da Vida e a Formação Contínua tornaram-se um imperativo para todos os ramos de atividade. Foi assim que a “internet das coisas” chegou também aos sistemas de ensino, como já tinha acontecido com outros setores (como os dos media, do livro ou da música).

A revolução digital está a ter um impacto assinalável nos sistemas de ensino superior (ES) em, pelo menos, três vertentes: conteúdos, pedagogias e tipologias de oferta. Os sistemas percebem-se assim compelidos a um processo de reconfiguração, orientando-se para experiências de ensino-aprendizagem cada vez mais multidimensionais. O que teve, em primeiro lugar, o mérito de ter devolvido centralidade à reflexão sobre o impacto das TIC no ES.

É assim que, a partir da revisão da literatura mais atual, emergem quatro grandes tendências:

- *A massificação do acesso*: todas as previsões confirmam o crescimento do ingresso. Se na mudança do século havia cerca de 99,4 milhões de estudantes no ES em todo o mundo, as projeções da OCDE para o ano de 2030 apontam para cerca de 415 milhões de estudantes e, em 2035, para 520 milhões de estudantes, o que significa um aumento superior a quatro vezes no intervalo de uma geração (OCDE, 2013). “Ao longo dos próximos 12 anos, o Banco Mundial estima um aumento de 25% na participação no Ensino Superior, de 200 a 250 milhões. Só em África, o continente precisaria construir quatro universidades com capacidade de 30.000 pessoas a cada semana apenas para acomodar os alunos que chegarem à idade de matrícula em 2025”, afirma o NMC (News Media Consortium) Horizon Report na sua edição para o ES de 2014 (JOHNSON et al., 2014).
- *A aprendizagem móvel, resultante da ubiquidade dos dispositivos*. Existem aproximadamente 6 biliões de telemóveis/celulares no mundo e a penetração de *tablets* está a acelerar. No documento da Unesco sobre o tema, “O Futuro da Aprendizagem Móvel” (SHULER et al., 2014), referem-se conceitos relevantes como os de EPT (Educação para Todos — Benavot, 2015), UCA (um computador para todos) e BYOD (*bring your own device*). É curioso sublinhar que o relatório apresenta como fator facilitador a grande pressão sobre as IES (instituições de ensino superior). “O custo da educação, especialmente da educação superior, vem aumentando a um ritmo insustentável. A integração tecnológica é considerada estratégica para forçar os preços para baixo, mantendo ou aumentando a

qualidade” (p. 45). Donde se depreende que será forçosamente reforçada a educação virtual e a Educação a Distância.

- A *internacionalização das instituições de ensino superior (IES)*, uma das formas de responder aos vários desafios trazidos pela globalização. Em termos europeus o tema tem sido abundantemente tratado em vários documentos e comunicações da Comissão Europeia (2010, 2012, 2013a e 2013b), assim como da OCDE (HÉNARD et al., 2012). Em 2014, foi produzido um completo estudo sobre a internacionalização do ensino superior português (GUERREIRO et al., 2014), que sublinha o desenvolvimento de modalidades diversas de educação transnacional (e.g. instalação de *campi* noutros países e aposta no *e-learning*), assim como o estabelecimento de cursos conjuntos com dimensão internacional. “Estamos, assim, numa nova era de conhecimento global e de rápido desenvolvimento tecnológico, que tem vindo a alterar as exigências e as expectativas dos estudantes e dos empregadores, reduzindo distâncias e aproximando instituições” (p. 29).
- A *digitalização e integração tecnológica, que pressionam o crescimento da EaD* (Educação a Distância), em especial na sua configuração de *e-learning*. Um dos mais expressivos e recentes inquérito conduzido a nível europeu acerca do *e-learning* nas IES (GAEBEL et al., 2014) e o primeiro do gênero para o nível superior de ensino, diz-nos que do ponto de vista institucional se verifica uma tendência alargada para a implementação de estratégias de educação virtual, de forma recente (p. 8). “A maioria das instituições usa *blended learning* (91%), integrando *e-learning* no ensino convencional, mas surpreendentemente 82% das instituições indica oferecer cursos online. A “tendência de digitalização alargada” é bem visível no tipo de (“sólida”) infraestrutura tecnológica e apoio a estudantes e *staff* instalados. “Mais de 80% das instituições respondentes indica que disponibiliza materiais didáticos digitais, repositórios online com material educacional, ferramentas e sistemas de gestão para o desenvolvimento de conteúdo e gestão de unidades curriculares (...) quase todas as instituições providenciam aos estudantes contas de e-mail, acesso a wi-fi, salas de computadores e bibliotecas online. Cerca de 80% das IES inquiridas tem licenças de software nos campus, repositórios para as UC e seus materiais de estudo, catálogos de cursos online, e confia nos media sociais para comunicar” (p. 8).

Foi desta forma que as IES começaram a apostar em estratégias de *e-learning* (Educação a Distância mediada pelas TIC), de modo a melhorar a flexibilidade da sua oferta formativa, para um público em crescimento. A fome de ensino pós-secundário está a aumentar de forma impressionante no planeta, devido à pressão demográfica e aos novos desafios do mercado de trabalho, que exige competências tão novas que nem existiam há apenas uma década atrás.

É precisamente na brecha ou desajustamento entre o que as universidades ensinam e o mercado laboral pede que se afirma o debate sobre Educação e Tecnologias. Assistimos ao despontar de uma geração que já nasceu imersa na mediação digital — os nativos digitais ou *millenials* — a ser ensinada por uma geração de emigrantes digitais, os que adotam a nova linguagem como um segundo idioma, o que é muito diferente de dominar a língua materna (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2007).

Comunicar no século XXI: como age o *Homo Communicantis*?

E o que caracteriza essa experiência digital? O que é comunicar no século XXI? Como nos comportamos e sobretudo, como se comportam os nossos aprendentes neste

ambiente? Propomos aqui o conceito de *Homo Communicantis* — o ser humano que se define por estar condenado a comunicar intermediado pela tecnologia. A sua prática é sobretudo uma questão de verbos: publicar, reagir, responder, comentar, mostrar, intrigar, bisbilhotar, rir... E aqui emerge com muita acuidade a questão da fluência ou literacia digital na vida contemporânea. Presume uma série de literacias (informática, comunicacional, informacional, mediática), é convocada para uma enorme quantidade de atividades e define-se simultaneamente como “uma capacidade e uma necessidade, transversal a toda a nossa vida quotidiana, cada vez mais mediadas pelas tecnologias móveis, como os *smartphones* e *tablets*. Ser digitalmente fluente passou a ser decisivo na educação para a nova cidadania do século XXI: global, híbrida e cosmopolita” (CARMO, 2018). Hoje é importante para todos “fazermos parte da conversa”, ininterrupta, à nossa volta.

Listemos, então, algumas das características do *Homo Communicantis*:

- *Interrupção, velocidade e instantaneidade*. Chegamos a casa e ligamos a televisão ou a música, entramos no carro e ligamos o som e o *bluetooth*, estamos a jantar com amigos e a verificar o telemóvel/celular. Nunca nos “limitamos” a fazer o que estamos a fazer: entrar em casa, conduzir ou conviver. As consequências que este *modus* está a provocar no tecido social das sociedades desenvolvidas, a nível educacional, social e afetivo começam a ser estudadas, mas ainda estamos apenas no início. Velocidade (como apontou, precoce e certo, VIRILIO, 1977) e instantaneidade são traços fortes do nosso quotidiano. Quase todos, mas em especial os mais jovens, querem tudo *hic et nunc* (aqui e agora). Vivemos num continuum comunicacional em permanente movimento e tudo na vida digital convida a um estado multitarefa (*multitasking*) generalizado. Os nossos alunos estudam a ouvir música nos *phones*, a conversar num *chat* e a receber e enviar mensagens no telefone, tudo ao mesmo tempo. Positivo ou negativo, é assim; e é com estas características que devemos contar na era digital.

- *Vírus.com (o nós)*. Defendemos que o estado de sobre-comunicação geral em que vivemos se assemelha a uma infecção. Que coçamos continuamente (interrompendo-nos). E à qual nos afeiçoamos. Não é por acaso, cremos, que as aplicações informáticas parasitas e mal-intencionadas foram batizadas por analogia como “vírus”¹. Consideramos que estamos “infectados” pela rede digital, que nos contagia e contamina como se de um vírus se tratasse. Segundo o site de conteúdos médicos Medipedia “os vírus são os agentes infecciosos mais pequenos conhecidos e caracterizam-se por um mecanismo de ação muito específico, pois invadem o organismo, introduzem-se nas células do hospedeiro e utilizam os seus elementos metabólicos para se multiplicarem”². Esta hipótese da rede como vírus (e não apenas os vírus informáticos) implica que estamos perante uma realidade que para existir e se afirmar necessita, em primeiro lugar, de hospedeiros: nós.

Um vírus só pode ser combatido através da administração do seu próprio “veneno”; isto é, não adianta imaginar antibióticos que milagrosamente combatam os seus efeitos nocivos, pois não funcionam. Quer dizer que é com as “armas” do digital que mais eficazmente poderemos balancear o que nele nos “faz mal”. Detenhamo-nos, por agora, nos hospedeiros. Por que razão o mundo inteiro começou a oferecer-se a si próprio

¹ Definição de vírus informático do **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**: Instrução ou série de instruções parasitas introduzidas num programa e suscetíveis de provocar diversas perturbações no funcionamento do computador. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/v%C3%ADrus>. Acesso: 15/8/2016.

² Disponível em: <http://www.medipedia.pt/home/home.php?module=artigoEnc&id=566>. Acesso: 15/8/2016.

como objeto de consumo? O “eu” é o produto por excelência de negócios enormes, como as redes sociais.

- *Personalização e hiper-expressão: Me Myself and I*. A capa da Time de 25 de dezembro de 2006 quando tradicionalmente escolhe a personalidade do ano, foi: YOU. “Yes, you. You control the Information Age. Welcome to your world”³. Em 2013, os editores dos dicionários Oxford elegeram *selfie* como a Palavra do Ano — significando autorretrato instantâneo, com origem nas redes sociais, onde este tipo de imagem se tornou popular. Valoriza-se a própria presença nos locais, muito mais do que os locais em si. Não mais “olha a Torre Eiffel!”, mas “olha eu! Na Torre Eiffel”.

Na indústria de conteúdos digitais há muito que a personalização veio para ficar. Todos os grandes portais permitem que cada utilizador “arrume” os itens como prefere ou mude as cores de fundo em função do seu gosto (CARMO; COSTA, 2000).

E é preciso partilhar, partilhar sempre. “Não sei para onde vou, mas quando lá chegar partilho na Internet” (Slogan publicitário Worten em 2014)⁴, uma brincadeira publicitária com o célebre “Cântico Negro”, poema de José Régio. Em tempos de incerteza, o Ego surge como o último reduto da civilização ocidental.

- *Narcisismo social e o mercado do Eu*. O neo-narcisismo ou o narcisismo social tem ocupado vários pensadores já desde a década de 80 do séc. XX. Christopher Lasch, com o seu “A Cultura do Narcisismo” (1983); Richard Sennett, com “O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade” (1999); ou Gilles Lipovetsky em “A Era do Vazio” (1988), adiantaram um diagnóstico aprofundado dos sintomas da pós-modernidade. O primeiro destaca a obsessão com o corpo, erigido à categoria de objeto de culto, visível no hodierno pânico do envelhecimento, na angústia das rugas e nos procedimentos de controle (*check-ups*) e manutenção (exercício, massagem, dietas etc.) (LASCH, 1983).

Sennett (1999) assimila o narcisismo ao psicologismo. Proliferam as biografias e autobiografias; o subjetivismo e a “sinceridade” tornam-se valores cardeais de uma “sociedade intimista” que recusa todas as “máscaras”, cuja armadilha tirânica o autor denuncia duramente: “A civilidade é a atividade que protege o eu dos outros, e lhe permite portanto fruir da companhia de outrem. O uso da máscara é a própria essência da civilidade” (SENNETT, 1999, p.202). Mais, sob a aparência da tolerância, defende o autor, o que o psicologismo e a “compulsão da autenticidade” trouxeram foi uma espécie de guerra, não já de classes, mas de todos contra todos, guetizados nos seus íntimos e dos que lhe são semelhantes, acentuando comportamentos exclusivos. “O próprio ato de partilhar remete cada vez mais para operações de exclusão (...) A fraternidade já não passa da união de um grupo seletivo que rejeita todos os que não fazem parte dele (...) A fragmentação e as divisões internas são o produto da fraternidade moderna” (SENNETT, 1999, p. 203).

Por seu turno, Lipovetsky (1988) classifica o hedonismo como a “grande revolução cultural das sociedades modernas” que, aliada ao consumo de massa e à invenção do crédito (nos anos 50), veio aprofundar aquilo a que chama o “processo de personalização” que irá desembocar no narcisismo social a que hoje assistimos.

Simultaneamente à revolução informática, as sociedades pós-modernas conhecem uma “revolução interior”, um imenso “movimento de consciência”, um fascínio sem precedentes pelo autoconhecimento e pela autorrealização (...) Narciso obcecado por si próprio não sonha,

³ Disponível em: <http://content.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html>. Acesso: 15/8/2016.

⁴ A Worten é uma cadeia de venda de eletrodomésticos e tecnologia com uma posição importante no mercado português. O slogan joga com as palavras do conhecido poema de José Régio, “Cântico Negro” (não sei para onde vou mas sei que não vou por aí), disponível em http://www.releituras.com/jregio_menu.asp, consultado em 2/7/2016.

não se encontra atingido de narcose, trabalha assiduamente na libertação do Eu, no seu grande destino de autonomia e independência (...) a autoconsciência substituiu a consciência de classe, a consciência narcísica a consciência política (...) assim, o narcisismo realiza uma estranha “humanização” aprofundando a fragmentação social (LIPOVETSKY, 1988, p. 47-57).

Carlo Strenger traz o conceito de *Homo Globalis*, transformado em mercadoria através do sistema de *infotainment*. Afirma:

A mercantilização do eu deu origem a uma instabilidade permanente da autoestima e do sentimento de ter uma vida com significado. O resultado foi a permanente inquietação existencial, ineficazmente tratada por meio de uma combinação de medicamentos psicotrópicos e de conselhos espirituais rápidos e fáceis fornecidos por gurus de autoajuda, que espalhavam a boa nova de que a celebridade e a riqueza eram apenas uma questão de vontade e de coragem (STRENGER, 2012, p. 12-13).

Pela tese de Thomas de Zengotita, estamos mediatizados até à medula e fomos postos no centro de tudo — primeiro através da televisão e, depois, através da lógica imersiva dos “novos media” (agora, já não tão novos). “A adulação da representação tem um lado negativo, porque o ego adulado é um ego mimado. Nunca está satisfeito. Não se sente apreciado. Lamuria-se muito” (ZENGOTITA, 2006, p. 34). “Não tardamos a ficar inquietos. Não suportamos a redução dos estímulos. O nosso metabolismo psíquico anseia por mais. Um organismo que vive de representações nunca se sente saciado. Precisa de ter mais que o necessário” (ZENGOTITA, 2006, p. 211).

Estamos *me*-diatizados. Os políticos ultra-exprimem-se nas redes sociais, as vedetas, os media e todos, enfim, alimentam(os) constantemente este império da expressão que as redes sociais vieram consagrar. O que mudou nas duas últimas décadas foi a palavra “social”: a internet tornou-se para todos e feita por todos, num nível de facilidade de operação e amigabilidade sem precedentes, que redefiniu o conceito de identidade do sujeito contemporâneo. Passou a contar de forma importante a “rede” de contatos com quem cada um se dá, os grupos que frequenta, os “gostos” que manifesta, e o seu grau de *conectabilidade* (BAUMAN, 2000, p. 153) no “ciberespaço”.

- *Ludificação generalizada: a idade do gel*. Paradoxalmente a esta solicitação permanente de ação e movimento, a cultura audiovisual e digital dominante vende a ideia de uma vida sem arestas, em que é fácil atingir os objetivos, mesmo que estes sejam tão pobres como “ser famoso” ou “rico”. Viciado no prazer, o ego mimado e exigente do *Homo Communicantis* foi limando toda e qualquer resistência à ideia do “mundo perfeito” que vive nos videojogos.

Atentemos na quantidade de produtos que agora se apresentam em gel. Tudo pode ser transformado em gel: cremes, álcool, remédios. A textura é transparente e flexível, de penetração imediata, levezinha, cómoda e indolor. A aceitação comercial crescente deste tipo de matéria tem um alcance simbolicamente não negligenciável

Talvez tudo isto explique o ludotempo em que nos encontramos. Hiperestimulados por um ambiente comunicacional frenético, vivemos um tempo em que a emoção e o culto do entretenimento permanentes são um dado do quotidiano. O “utilizador” digital em particular é impaciente e rápido: quando temos um rato (mouse) na mão ou uma tela na ponta dos dedos não conseguimos parar. E isso é divertido. O fator “e-” tornou-se decisivo: emoção, entretenimento, eletrônico. O *Homo comunicantis* gosta cada vez mais de se divertir. Precisa. Para prender a nossa multi-solicitada atenção é

preciso emoção. E para que não passemos num milissegundo à próxima minicoisa com interesse, é preciso que nos entretenham.

Tudo nos é apresentado sob a forma de um grande jogo. Num pacote de leite, recorte o cupão e ganhe uma viagem de sonho, junte pontos e obterá fabulosos descontos, do supermercado à gasolina ou às comunicações (CARMO; COSTA, 2000, p. 46). O jogo atravessa gerações. É comum encontrarem-se quarentões agarrados às suas *playstations*, consoles *Wii* ou aos telemóveis/celulares e computadores... a jogar, numa significativa *Peter Pan-ização* dos tempos.

- *Humor*. Um outro traço que acompanha a ludificação dos tempos é o predomínio do humor como forma de comunicação eficaz. Surgem “humoristas” como cogumelos, tornados vedetas indispensáveis na alimentação das horas infindas de entretenimento que ocupam as manhãs e as tardes televisivas. A publicidade mais bem-sucedida é a que “tem graça”, os vídeos “virais” são os que mais gargalhadas provocam e os *sketches* de “apanhados” (“pegadinhas”) estão em todos os aviões.

- *A cultura Wiki, da partilha e participação: “partilho, logo existo”*. Tudo isto pode parecer aterrador, em especial para os educadores. Existe, porém, todo o lado francamente positivo do paradigma digital, o qual também trouxe categorias de experiência relevantes. O conceito de “inteligência coletiva” (ou de “multidões inteligentes”) tem sido declinado de diversas formas, mas tem sempre como modelos de partida os casos do sistema operativo Linux e a Wikipedia.

Don Tapscott e A. Williams designam a wikinomia como “uma nova arte e ciência da colaboração”:

é mais do que *software* aberto, ligação social em rede (...). Em vez disso, estamos a falar de mudanças profundas na estrutura e no modo de funcionamento da empresa e da economia, baseados em novos princípios competitivos, como por exemplo, a abertura, o trabalho com “os pares”, a partilha e a ação global” (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2007, p. 11).

A tese é a de que “em geral, demasiadas pessoas eram postas de lado na circulação do conhecimento, do poder e do capital e, portanto, participavam nas margens da economia” (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2007, p. 18). Isso acabou e causou as primeiras vítimas de vulto. “A revolução que se verifica neste momento nos meios de comunicação e entretenimento é um exemplo inicial do modo como a colaboração em massa está a virar a economia do avesso” (p. 18). “Está a emergir uma nova democracia econômica em que todos temos um papel principal” (p. 22).

E, apesar do seu foco ser empresarial, dão exemplos como o seguinte que, sendo na área da Educação, nos interessa particularmente.

Atualmente um potencial estudante de Mumbai que sempre tenha sonhado entrar no MIT pode aceder a todo o currículo online da universidade sem pagar um cêntimo em propinas [mensalidade]. Basta ligar-se a ocw.mit.edu (...). Pode descarregar no seu computador as indicações de leitura e os trabalhos dos cursos. Pode partilhar as suas experiências num dos fóruns da comunidade. Pode passar a fazer parte do MIT, participando na aprendizagem durante toda a vida em favor da economia global (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2007, p. 31).

Participação é, neste contexto, a palavra-chave. O estar ligado como imperativo social é já um dado adquirido pela generalidade das Ciências Humanas, mas é curioso observar como mais recentemente foi comprovado pelos especialistas da neurociência.

Daniel Goleman, o autor do retumbante “Inteligência Emocional” (1995) — que, desde que foi publicado, conheceu um vasto caminho de aplicação do conceito, da gestão à política, passando pelo comportamento —, avançou um passo nessa direção com o seu mais recente “Inteligência Social” (GOLEMAN, 2011). Passando da psicologia unipessoal para a bipessoal, investiga as bases biológicas da tese que defende: somos concebidos para conectar, o cérebro humano é, na sua essência, sociável.

Neste contexto, há que admitir que Facebook, Instagram, Twitter e outras poderosas redes sociais foram invenções de gênio. Assentaram que nem uma luva ao ambiente socialmente narcísico contemporâneo, possibilitando a expressão permanente de egos super-inflacionados, à falta de melhor suporte existencial.

Utilizar o Facebook como ferramenta educativa: um caso prático

Tendo em conta as características comportamentais do *Homo Communicantis* (e para atender aos nossos estudantes), experimentamos utilizar na prática educativa uma ferramenta digital que agrega boa parte dessa experiência: o Facebook (FB). Velocidade e instantaneidade (agora permite inclusive fazer “diretos” ou “ao vivo”); acessibilidade e ubiquidade; facilidade de participação, partilha e publicação de texto, imagem e diálogo; uso do humor pautando o trabalho.

Tratava-se de um exercício Operacional para testar o Plano de Operações Distrital do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios, intitulado Firex 16. Foi um Simulacro (*Live Act*) que decorreu no distrito de Santarém (Portugal), no dia 8 de maio de 2016, entre as 12h30 e as 19h30, em Almeirim e Ferreira do Zêzere (aqui em dois locais distintos). A atividade, que envolveu cerca de 120 homens no terreno e todas as forças vivas do Concelho (Presidentes de Câmara, Proteção Civil, Bombeiros), pretendia simular a atuação face a um incêndio de grandes dimensões, nomeadamente na gestão da informação com a Comunicação Social. Os estudantes das unidades curriculares de Atelier de Jornalismo (do 1º ano da licenciatura em Educação e Comunicação Multimédia) e de Jornalismo (do 1º ano do mestrado em Educação e Comunicação Multimédia), simulavam o papel de jornalistas reais nos três cenários.

Logo na preparação do exercício, a plataforma Facebook revelou-se particularmente útil e amigável para os alunos, que se inscreveram rapidamente no “evento” criado para o efeito. Foi lançada uma “sondagem” (ferramenta que a plataforma disponibiliza) para operacionalizar a ida ao Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS), assistir a uma breve palestra acerca do exercício e da caracterização do distrito em termos de riscos para a Proteção Civil (Figura 1). O *briefing* tinha lugar numa cidade próxima (Almeirim), o que implicava marcação de transporte escolar adequado ao número de alunos participantes, fora do horário letivo. As perguntas destinavam-se a saber quem ia e se necessitava de transporte (pois alguns dos estudantes habitam nessa cidade ou possuem viatura própria para a deslocação); as opções de resposta eram: “não”, “sim”, “sim, mas preciso de transporte”. A “sondagem” revelou-se um instrumento eficaz para a planificação desta primeira saída, uma vez que os alunos puderam responder de forma assíncrona — dando-lhes tempo para organizarem a sua própria logística — não ocupando tempo útil da aula presencial.



Figura 1. Sondagem via Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com/events/1066987129991272/>

Ainda nesta fase de preparação para o exercício — que envolveu assistir à sessão acima mencionada e conduzida pelo Comandante Mário Silvestre, responsável local do CDOS, assim como a pesquisa e recolha de outra informação útil acerca do distrito, como a população, principais vias, potencial de perigo, recursos de emergência, plano nacional de socorro em situações idênticas — o FB serviu de forma eficaz os propósitos académicos a alcançar. Neste processo, pretendia-se desenvolver nos aprendentes as seguintes competências: qualidade na criação de notas (apontamentos), que implica atenção ao que é dito e rigor na sua passagem a escrito; capacidade de pesquisa digital, consultando fontes credíveis; capacidade de aprofundar a informação recolhida estimulando o pensamento crítico, ao relacioná-la com o que ia sendo lecionado em contexto presencial; capacidade de trabalhar de forma colaborativa, partilhando com os colegas apontamentos, informação recolhida e possíveis questões a serem colocadas no terreno. O FB claramente criou coesão e envolvimento em torno da atividade.

Já no próprio dia, foi igualmente uma ferramenta útil de suporte ao trabalho dos alunos. Uma vez que se encontravam fisicamente separados em pelo menos três locais diferentes (um grupo no Centro de Operações em Almeirim; outro grupo em Ferreira do Zêzere a acompanhar a reunião de emergência das forças vivas do Concelho; e um terceiro grupo no terreno, espalhando-se conforme a prestação de socorro por parte dos Bombeiros ia sendo necessária), era através do FB, a que todos têm acesso, que se iam partilhando os últimos desenvolvimentos e dificuldades sentidas. Desde “agora o incêndio chegou à povoação de Maxial, é preciso evacuar a população” a “entram em cena os meios aéreos, que transportam 800 litros de água de cada vez” ou a queixas acerca da dificuldade de obtenção de confirmação da informação (como acontece com os jornalistas profissionais), tudo ia sendo partilhado e comentado entre a comunidade participante, com a docente a dar em permanência dicas de ajuda na resolução dos problemas a enfrentar (Figura 2).



Figura 2: ligados em tempo real

Fonte: <https://www.facebook.com/events/1066987129991272/>

Ao mesmo tempo, era necessário ir produzindo informação e publicá-la ao longo do dia. De forma profissional, observando as técnicas de escrita jornalística (utilização do *lead* e da estrutura da pirâmide invertida) e a prática deontologicamente correta (só informação confirmada poderia ser divulgada, com a indicação das respetivas fontes). Foram feitos “diretos” (“ao vivo”) do local — uma funcionalidade recente do FB; foram produzidas notícias escritas, acompanhadas de fotos tiradas no terreno com a respetiva legendagem e publicadas no próprio dia; foram feitas filmagens, mais tarde editadas com pós-produção áudio e vídeo, inserindo o texto escrito a propósito, resultando em notícias para televisão, publicadas no jornal online que cada turma produziu no final do semestre. Neste processo colaboraram os estudantes presentes mas também os que fisicamente estavam distantes, como os Colegas de mestrado em Moçambique (África Austral) ou a distância nas suas localidades de origem que, por diversos motivos, não puderam estar presentes (Figura 3).



Figura 3: Trabalho colaborativo a distância

Fonte: <https://www.facebook.com/events/1066987129991272/>

A redação e publicação foi, assim, fortemente colaborativa, desenvolvendo competências importantes, como o trabalho de equipe ou *soft skills*, relacionadas com a inteligência social e emocional (GOLEMAN, 2011) — como saber reagir perante situações de pânico civil, encontrar os que se perderam no terreno ou partilhar informação, escrita e visual, em tempo real. Foram atingidos vários objetivos pedagógicos e científicos da disciplina, como a capacidade de observação, reporte e rigor na transmissão da informação obtida a quente e seu cruzamento com a preparação prévia feita nas atividades de pesquisa, qualidade na atualização, assim como na sua produção *a posteriori*.

No final, o balanço foi considerado muito positivo por todos os intervenientes: estudantes, presenciais e a distância, operacionais envolvidos (nomeadamente os Bombeiros), que puderam testar em condições próximas da realidade a própria gestão da informação na relação com a Comunicação Social (Figura 4).

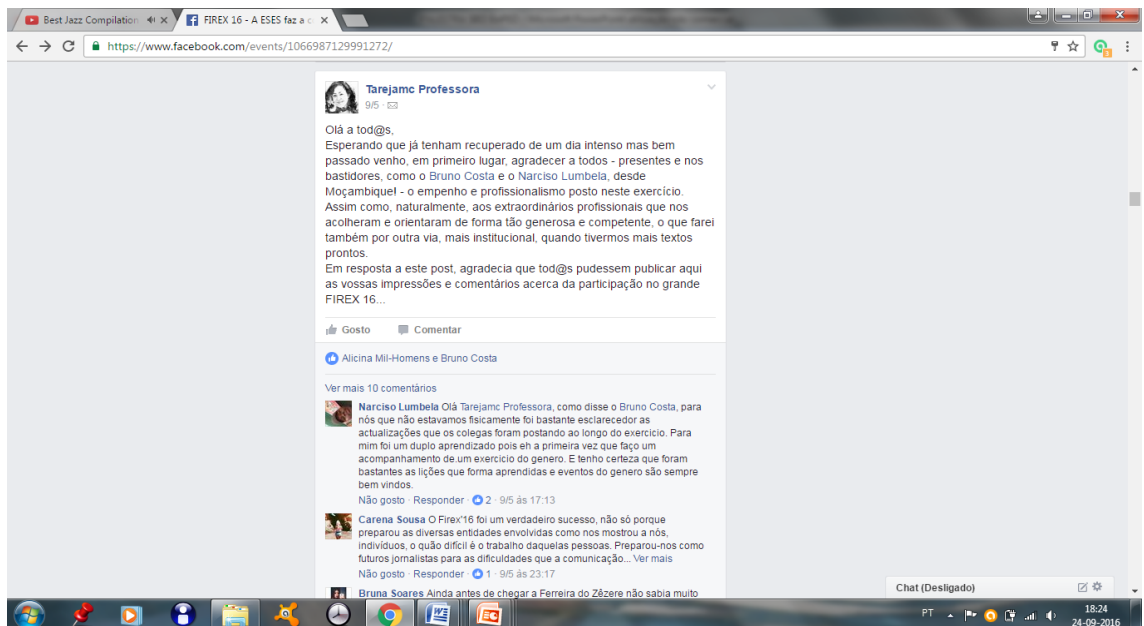


Figura 4: Feedback e balanço da atividade, muito positivos.

Fonte: <https://www.facebook.com/events/1066987129991272/>

Com o exercício, foram atingidos todos os objetivos de aprendizagem: foram produzidos dois jornais online (um em cada turma), textos, imagens e realizados vídeos (texto, pós-produção áudio e vídeo), aplicando conhecimentos anteriores (as regras da escrita jornalística) e incorporando novos. Fazendo uso da literacia digital dos estudantes, que assim se sentiram valorizados e verdadeiramente participantes do exercício.

Considerações finais

Ligando a partilha desta experiência educativa com a discussão apresentada nos tópicos anteriores, julgamos ser decisivo colocar o foco na geração que estamos a ensinar. Trata-se de uma geração que vive em pleno a analítica da experiência aqui analisada, tecnoformada, *zappante* (que estuda a ouvir música nos auscultadores [fones de ouvidos], ao mesmo tempo que vê televisão, tecla e interage no computador) e sem aptidão para a linearidade. Uma realidade que contrasta em absoluto com as estruturas do Ensino Superior vigentes, ainda profundamente analógicas, rígidas e hierárquicas.

Tapscott e Williams falam da “Geração Net”, nascida entre 1977 e 1996, que já cresceu online.

Esta geração traz uma nova ética de abertura, participação e interatividade aos locais de trabalho, comunidades e mercados. (...) Representa a nova raça de trabalhadores, estudantes, consumidores e cidadãos. Encare-os como o motor demográfico da colaboração e o motivo por que a tempestade perfeita não é um simples relâmpago, mas uma tempestade persistente que vai ganhar força à medida que eles amadurecerem. (...) Estes jovens crescem a interagir uns com os outros. Em vez de serem recipientes passivos da cultura de consumo de massas, a Geração Net passa o seu tempo a procurar, a ler, a analisar, a autenticar, a colaborar e a organizar (tudo, desde os ficheiros MP3 a manifestações de protesto). A internet torna a vida uma colaboração contínua e maciça, e esta geração adora isso. (...) Além disso, são uma geração de escrutinadores. São mais cétricos quanto à autoridade porque perscrutam a informação à velocidade da luz por si próprios ou em conjunto com uma rede de pares. (...) Além disso, esta é a primeira vez

na história da humanidade em que os filhos são as autoridades numa matéria realmente importante. O pai de um jovem da Geração Net pode ter sido uma autoridade sobre comboios em miniatura. Atualmente, os jovens são autoridades na revolução digital que está a mudar todas as instituições da sociedade (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2007, p. 56-57).

Falta, pois, produzir os instrumentos de um ensino superior mais adequado às necessidades dos seus destinatários. O uso pedagógico das tecnologias que os estudantes mais usam e gostam, o fomento da aprendizagem interdisciplinar e colaborativa parecem-nos, pois, ser o caminho para formar cidadãos mais completos e aptos a lidar com a drástica mudança que o século XXI nos propõe. Aproveitando toda a sobre-exposição do ego que o narcisismo social contemporâneo fomenta, a nossa hipótese é a de que, enquanto educadores, é desejável trabalharmos no *empowerment*/fortalecimento do “eu” no percurso educativo: *oferecendo-se como produto, o eu pode criar valor e valorizar-se no processo*.

O que o balanço do caso apresentado sugere é que este teve um impacto assinalável nos alunos, com ganhos a nível da sua autonomia, solidariedade e responsabilidade social, além do alcance dos objetivos e competências de aprendizagem previstos. Mesmo “selfizando-se” muito e misturando algum humor com trabalho durante o exercício, muitos deles voltaram à página do evento quando, alguns meses depois deflagraram grandes incêndios (bem reais) na região. Aí demonstraram uma preocupação cívica acrescida, revelando atenção e empatia com a situação assim como respeito e admiração pelos profissionais da emergência civil a operar no terreno. Ou seja, cresceram em sensibilização à diversidade e empenho democrático no seu quotidiano local.

O FB é uma das ferramentas, entre tantas ao dispor dos educadores, que permite trabalhar com as características do *Homo Communicans*, como a hipertextualidade, interatividade e multimedialidade da nova “cultura da convergência” (Jenkins), “wikinômica” (Tapscott) em que o *remix*, o trabalho com os pares, a ação global, a colaboração, a abertura e a partilha são comportamentos generalizados, aproveitando as competências de fluência digital dos jovens aprendentes.

Esta nova ecologia do conhecimento, em que emerge com grande força a aprendizagem casual ou informal através de comunidades de interesse e de prática online está a mudar, e muito, as coordenadas do que tínhamos por certo quanto aos modos e locais de aprendizagem e construção de conhecimento. A forma “como” e “onde” se aprende hoje é parte de um ecossistema muito novo, onde contextos de aprendizagem formal e informal interagem continuamente, o que traz evidentes desafios a quem está na profissão de ensinar” (CARMO, 2018).

Pensamos ser por aqui parte do caminho que nos levará de uma mera Sociedade da Informação até uma verdadeira Sociedade do Conhecimento. Como afirma Carmo (2014; 2018), uma “sociedade de conhecimento” será aquela que, além de ter um património mais volumoso de informação sabe usá-lo em benefício de um bem-comum, de forma solidária e respeitadora das pessoas como seres insubstituíveis”. Frase que subscrevemos em absoluto e tentamos diariamente pôr em prática nos vários contextos profissionais e existenciais em que nos movemos.

Referências:

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Cambridge: Polity, 2000.

- BENAVOT, A. (org.). *Educação Para Todos 2000-2015, Progressos e Desafios, Relatório Conciso*. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>. Acesso a: 20.04.2016.
- CARMO, H. *Educação para a cidadania no século XXI: trilhos de intervenção*. Lisboa: Escolar Editora, 2014.
- CARMO, H. Sociedade de informação/Sociedade do conhecimento. In: MILL, D. (org.). *Dicionário Crítico de Educação e Tecnologia + Educação a Distância*, Grupo Horizonte UFSCar: São Carlos. No prelo.
- CARMO, T. Fluência Digital. In: MILL, D. (org.). *Dicionário Crítico de Educação e Tecnologia e de Educação a Distância*. Campinas: Papirus, 2018 (no prelo).
- CARMO, T.; COSTA, C. *Conteúdos- Coleção Comércio Electrónico*. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação, 2000.
- COMISSÃO EUROPEIA. *Agenda Digital. Comunicação da Comissão Europeia COM(2010)245*. Bruxelas: União Europeia, 2010.
- COMISSÃO EUROPEIA. *O Ensino Superior Europeu no Mundo, comunicação da Comissão Europeia COM(2013)499*. Bruxelas: União Europeia, 2013.
- COMISSÃO EUROPEIA. *Opening up Education*. Bruxelas: União Europeia, 2013. Disponível em: http://ec.europa.eu/smartregulation/impact/planned_ia/docs/2013_eac_003_opening_up_education_en.pdf. Acesso a 12.01.2016. Versão em português em <http://eurlex.europa.eu/legalcontent/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52013DC0654&from=EN>
- COMISSÃO EUROPEIA. *Repensar a Educação, comunicação da Comissão Europeia COM(2012)669*. Bruxelas: União Europeia, 2012.
- GAEBEL, M.; KUPRYANOVA, V.; MORAIS, R.; COLUCCI, E. *E-learning in European Higher Education Institutions - results of a mapping survey Conducted in october-december 2013, EUA occasional papers*. Bruxelas: EUA Publications, 2014. Disponível em http://www.eua.be/Libraries/Publication/e-learning_survey.sflb.ashx. Acesso a 16.10.2016.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Social*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.
- GUERREIRO et al. *Relatório do Grupo de Trabalho MADR/MEC, Uma Estratégia para a Internacionalização do Ensino Superior Português — Fundamentos e Recomendações*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 2014. Acessível em <http://www.igfse.pt/upload/docs/2014/RelatorioInternacionalizacaoEnsinoSuperior.pdf>. Acesso a 03.01.2016.
- HÉNARD, F.; DIAMOND, L.; ROSEVEARE, D. *Approaches to Internationalization and their Implications for Strategic Management and Institutional Practice, A guide for Higher Education Institutions*. Paris: OECD— IMHE, 2012.
- JOHNSON, L.; ADAMS BECKER, S.; ESTRADA, V.; FREEMAN, A. *NMC Horizon Report: 2014 Higher Education Edition*. Austin, Texas: The New Media Consortium, 2014. Disponível em <http://www.educause.edu/library/resources/2014-horizon-report>. Acesso a: 05.01.2016.
- KNOWLES, M. *The Modern Practice of Adult Education from Pedagogy to Andragogy*. New York: Cambridge, the Adult Education Company, 1980.
- LASCH, C. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio, Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.
- OCDE. *Education at a Glance 2013: OECD Indicators*. ISBN: 9789264201057. DOI: 10.1787/eag-2013-en. Paris: OECD Publishing, 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2013-en>. Acesso a: 20.09.2016.

SENNETT, R. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SHULER, C.; WINTERS, N.; WEST, M. *O Futuro da Aprendizagem Móvel — Implicações para Planejadores e Gestores de Políticas*. Brasília: UNESCO, 2014. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002280/228074POR.pdf>, Acesso a 10.11.2015.

STRENGER, C. *O medo da insignificância - Como dar sentido às nossas vidas no século XXI*. Alfragide, Lua de Papel, 2012.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A. *Wikinomics, a Nova Economia das Multidões Inteligentes*. Lisboa: Quidnovi, 2007.

VIRILIO, P. **Vitesse et Politique**. Paris: Editions Galilée, 1977.

ZENGOTITA, T. *Mediatizados — Como os Media Moldam o Nosso Mundo e o Modo como Vivemos*. Lisboa: Ed. Bizâncio, 2006.